

África do Sul

Memória de Ruth First

... um legado também de Moçambique

Por António Ramos, em Joanesburgo

A trajetória política da região Austral de África, até à queda do "apartheid", deixou marcas indeléveis, pertença da história comum dos povos e países que se bateram contra a tirania, o colonialismo e o "apartheid". A esta trajetória de tristeza e dor associa-se a nostalgia da solidariedade no preço pago pela libertação servido à quente e bomba, ao assassinato, à traição.

Contra a mortífera atitude do sistema iníquo que reinou mais de meio século encapotado nas mais variadas cores, cresceu e se desenvolveu a amizade entre os povos da região irmãs do mesmo objectivo de alcançar a liberdade. É história e outras estórias se acupolam como fazendo parte do nosso imaginário colectivo transportando por gerações a dor de termos perdido pelo caminho camaradas da mesma trincheira da encomenda armadilhada.

Foi assim com Eduardo Mondlane e a cena trágica da morte repetiu-se durante décadas, em lugares e países distantes entre si, mas tão perto que por cada vítima caída pelas mãos sujas e criminosas do opressor uma boa parte dos países em luta sentia como uma agressão a si próprios.

Ruth First, a cientista sul-africana ao serviço da Universidade Mondlane em Maputo, foi assassinada em 1982 por uma carta-bomba armadilhada e enviada por Craig Williams, um agente dos serviços secretos do regime do "apartheid". No momento trágico da deflagração do engenho explosivo, a seu lado a poucos metros estava o Dr. Pallo Jordan um outro alvo a abater na saga dos algezes do "apartheid".

A passada semana, ela foi recordada na Universidade de Wits de Joanesburgo por uma centena de antigos companheiros da mesma jornada, quase todos ex-exilados políticos residentes em Maputo — tal como Ruth. Ali se recordou a colega de trabalho, a companheira das horas cinzentas, a camarada e amiga das longas noites do luar azedo na capital

moçambicana, alvo da intriga, ataque e destruição da paranóia do então regime de Pretória.

Coube a Pallo Jordan a tarefa de dar aos presentes uma aula magna que dignificasse a académica e científica perdida. Ela foi o último camarada de Ruth que a viu cair dilacerada pela traiçoeira bomba recebida no seu gabinete de trabalho no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, em 1982.

Membro do Comité Executivo do ANC, ministro das Telecomunicações do primeiro governo eleito democraticamente na África do Sul liderado por Nelson Mandela, depois ministro do Turismo no governo de Thabo Mbeki onde saiu para se instalar no parlamento, Pallo Jordan é um destacado intelectual dos mais conceituados nos meios académicos. Ninguém melhor do que ele, dentre os combatentes da liberdade, poderia realçar a memória de Ruth First, como mulher, académica e lutadora incansável pela justiça, liberdade e dignidade que prestou um inegável serviço a Moçambique e a toda a região, aqui, ao continente.

Na cerimónia da "Ruth First Memorial Lecture" na Wits de Joanesburgo, podiam ver-se caras conhecidas dos antigos companheiros que com ela viveram a tragédia do "apartheid", num tempo em que cada minuto era vivido com toda a energia da certeza da vitória apostada.

Albie Sachs, o professor e juiz do Tribunal Constitucional sul-africano, também ele uma vítima de ataque bombista em Maputo, foi nesta hora símbolo vivo da vitória da liberdade sobre a opressão do "apartheid" e congêneres. Académicos e jornalistas escutaram a intervenção de Pallo Jordan que destacou a importância da burguesia negra na reconstrução dos países africanos devendo em sua opinião ser encorajada e deve cultivar um ideal na sua actividade empresarial.

Diante de uma assembleia de pensadores e fazedores de opinião, Jordan

salientou que "nós não podemos excluir os negros de se tornarem capitalistas, da mesma maneira que não os impedimos de se tornarem advogados, médicos, engenheiros ou trabalhadores especializados... porque a nossa luta é para eliminar a pobreza".

Combater o racismo, uma nação em debate

Terminou a conferência sobre o racismo, que decorreu durante 5 dias em Sandton Joanesburgo, dela

abertura pronunciado pelo Presidente Thabo Mbeki que salientava "se os brancos sul-africanos sentem medo do futuro por causa do que eles perderam ou podem perder, os negros sul-africanos olham de frente o futuro para o que podem usufruir".

Para o Presidente Mbeki trata-se de uma ilusão pensar que com o fim do "apartheid" terminou a discriminação e o racismo na África do Sul.

"A nossa transição para uma democracia não racial em 1974 e a subsequente

questão das atitudes racistas dos brancos contra os negros muito mais que dos negros contra brancos. O racismo manifesta-se não só do ponto de vista ideológico, mas, também, sócio-económico. Durante séculos, o racismo foi a mais séria questão nas relações entre brancos e negros.

Por fim, admitir que o legado do racismo está profundamente enraizado nas sociedades que nenhum país no mundo foi bem sucedido ou conseguiu até agora criar uma sociedade não racial.

Thabo Mbeki desafiou toda a sociedade a participar activamente neste debate, porque qualquer impedimento neste diálogo sobre o racismo é a garantia para o perpetuar.

"Para os brancos que não queiram assumir as responsabilidades pelo passado, estarão a atrasar o processo de criar a nossa sociedade não racial". Não nunca teremos sucesso nesta luta contra o racismo se o segmento branco da nossa população não juntar esforços com os cidadãos negros em objectivos comuns de nos transformar em não-racistas.

Algumas vezes discordantes na forma e método da organização salientaram que curiosamente as maiores vítimas da discriminação racial não estiveram presentes durante o trabalho da conferência. Os trabalhadores rurais das fazendas e os empregados domésticos não se fizeram escutar.

Para o líder da oposição parlamentar, Tony Leon, esta conferência só seleccionou oradores do ANC ou com um passado ligado a este partido. No entanto, o sindicato dos mineiros brancos, uma organização situada politicamente na extrema-direita, participou nos trabalhos a despeito de uma contínua campanha de existência de racismo contra os brancos. Este sindicato, que foi responsável no passado por graves violações dos direitos dos mineiros negros, protestou no exterior da conferência contra a lei Acção Afirmativa, instrumento legal que pretende dar oportunidade aos profissionais negros no acesso ao emprego.

Este tipo de acusações

não é novo, mas quando o então Presidente Mandela decidiu solicitar provas de discriminação contra brancos no acesso ao emprego, ninguém conseguiu apresentar factos, deixando claro que a "Afirmatiacion" se mostra um instrumento legal de grande alcance na melhoria das condições de vida da população negra, essa sim vítima da segregação racial durante séculos.

A discussão pública que questiona quem é ou não racista mostra-se uma perda de tempo e meramente académica. Muitas vezes esconde vinganças pessoais sendo vulgarmente atribuída a pessoas mal formadas necessitando de participar em discussões públicas, onde os seus pontos de vista poderão ser rebatidos.

A atitude racista esconde principalmente o medo à mudança sobretudo se esta pressupõe equilibrar as diferenças sociais.

Por toda a região, volta-se a discutir quem é e quem não é racista, mas, neste diálogo de surdos, os que apontam o dedo a supostos racistas usam a linguagem e terminologia rracica, como "os mulatos, os canecos ou os indianos", o que, em termos práticos, significa todos os que não são de origem nacional, apesar de terem nascido no país.

Nestes termos levantaram-se as vozes de alguma elite zambiana contra o antigo Presidente Keneth Kaunda e na linguagem racista de Savimbi, o Presidente Eduardo dos Santos é de origem são-tomense. Afinal um problema que necessita de ser encarado seriamente, sem complexos, mas e sobretudo com tolerância.

A conferência "combater o racismo: uma nação em diálogo" que terminou em Joanesburgo mostrou que os problemas de fundo de qualquer país só podem encontrar solução envolvendo toda a sociedade civil e suas organizações, os governos e o sector empresarial. Sem isto, a discussão de quem nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha servirá apenas para adiar a transformação de todo o continente, afinal a verdadeira vítima do racismo e discriminação. ■



A trajetória política da região Austral de África, até à queda do "apartheid", deixou marcas indeléveis, pertença da história comum dos povos e países que se bateram contra a tirania, o colonialismo e o "apartheid".

saindo uma clara indicação de que o racismo resiste à mudança e está instalado em toda a sociedade.

No final dos trabalhos, uma das recomendações mais importantes pretende declarar a próxima década de luta contra o racismo em todas as suas manifestações e foi apontado como urgente adoptar legislação contra o racismo.

Ao levar a cabo uma conferência desta natureza a Comissão dos Direitos Humanos da África do Sul ousou trazer para a luz do dia as graves assimetrias de que sofre a sociedade sul-africana e coloca-las em perspectiva.

Dezenas de delegados escutaram o discurso de

criação dos mecanismos legais e constitucionais... não terminou de facto a herança racista, discriminatória e desigualdade na divisão do país e das pessoas". Um só país mas duas comunidades, branca e negra". Os brancos sentem medo e os negros estão na expectativa de uma melhor vida".

Mbeki admite que, apesar das diferenças de opinião, é importante acordar em pontos fundamentais.

"A prática de racismo é anti-humano e constitui uma grave violação dos direitos humanos. Durante séculos, a prática do racismo teve como vítimas os negros muito mais que os brancos. Precisamos de trabalhar na